

# LIVROS

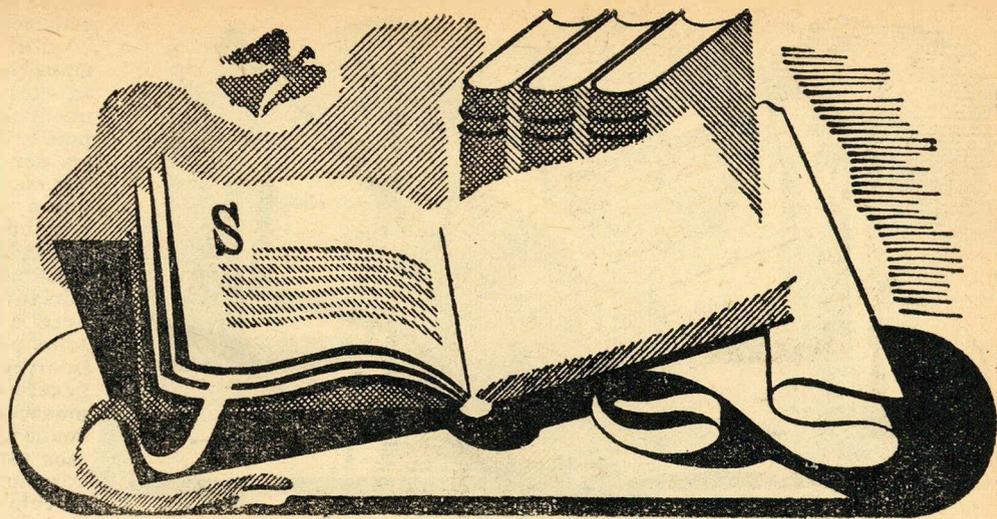
Os Caminheiros e outros contos, por José Cardoso Pires — Centro Bibliográfico — Lisboa.

Não me parecem prejudiciais ao ficcionista português, antes pelo contrário, as influências de literaturas estrangeiras. Não sendo a nossa ficção uma ficção original, medíocre infelizmente em quantidade e qualidade, consolador já é que possamos dizer dum autor: apresenta influências de tais e tais fulanos estrangeiros, mas a sua obra vale. Claro: há influências e influências. Por exemplo: a influência brasileira via Jorge Amado não nos beneficiou. Esse romancista-poeta, veio ao encontro da melhor tendência da nossa poesia e da pior da nossa prosa de ficção: o lirismo. Sofrem ainda da sua presença alguns dos nossos bem cotados ficcionistas, pois lirismo tem o português para dar e vender, embora não seja uma característica exclusivamente nossa, como há quem amiude sugira; somente em Portugal tresanda por causas possíveis de transpor.

A estreia literária de José Cardoso Pires demonstra bem como certas influências são benéficas se o escritor tem alguma coisa de interesse a dizer; se o que tem a dizer foi vivido e sentido; se em vez de transportar temas e pormenores estranhos, aprender com os autores lá de fora a maneira de trabalhar com êxito os materiais autóctenes. Nos contos de *Caminheiros* sente-se a influência dos escritores americanos modernos, especialmente de Steinbeck, até na sobriedade do estilo. A crueza do conto que dá o título ao livro lembra Caldwell e as suas impressionantes histórias da Geórgia. No uso bem doseado da «gíria» popular, encontramos semelhanças com Runyon. Em suma: a concisão que se revela nos apontamentos de paisagem, a qual nunca existe por ela própria, como valor superior ao homem que a habita, mas para bem o situar na realidade física; a simplicidade com que são transcritos os sentimentos humanos e a concomitante referência aos gestos e aos movimentos que os traduzem; a fluência da acção que não tem daquelas aterrantemente desoladoras paragens habituais nos ficcionistas portugueses; tudo isso, sendo característica da literatura americana, encontrou em Cardoso Pires um discípulo atento e identificado, mas não servil. E porventura humilhante para o aluno aprender o que não sabe com os mestres, tanto mais se esses mestres não são fósseis depositários de sabedoria cristalizada, mas vivos propagadores de conhecimentos que outorgam asas a quem tente revelar-se diferente e quantas vezes melhor? Porque, no caso de Cardoso Pires, o discípulo somente adoptou um método. Se o fez, foi porque sentiu que era o que servia a sua experiência. O conteúdo dos seus contos é verdadeiramente português. Esse conteúdo prende-nos. Os dois primeiros e a última parte do terceiro são notáveis, e não parecem dum estreante. Portanto o método resultou. Resultou porque traduziu bem, e emotivamente, o que é nosso. *Ipsa facto* adquiriu forma nacional, isto é: tornou-se maneira pessoal dum português, exprimindo-se como tal. E se notamos a procedência estrangeira é porque, dum modo geral, temos a tendência para aprendermos mal as boas lições.

Tomaram muitos começar com a segurança de Cardoso Pires. Tomaram muitos esquecer esse pifio lirismo que anula as melhores intenções.

Foram os contos de *Caminheiros* escritos a partir da experiência de vida, pessoal, do seu autor? Creio que sim. Repugna-me acreditar em exclusiva virtude da imaginação impondo cenas vistas de longe, ou mesmo de perto, sem o autor ter tomado parte nelas. Se a imaginação pode construir uma história, a verdade é que essa história, para resultar verídica, necessita de se alicerçar em experiência. É o diálogo um dos factores importantes para se aquilatar do conhecimento que o autor tem das suas



personagens, sobretudo se se trata de personagens do povo sem nenhuma cultura e ilustração. Fácil será, por exemplo, ao escritor oriundo de família burguesa, retratar com verdade um meio burguês. Difícil é a esse escritor descrever com justeza um meio operário ou campesino, se só o conhece de passagem, por meio da observação. Ora o diálogo de *Caminheiros* é daqueles que não enganam. Com as naturais diferenças da transposição literária, verificamos ser assim que na realidade as personagens de Cardoso Pires falam. Elas são autênticas. Posso dizer que, a-pesar-de já as conhecer, as fiquei conhecendo melhor em *Caminheiros*. Onde outros com mais calo na vida das letras, falharam redondamente, por carência de experiência de vida, Cardoso Pires impôs temas que um mau tratamento literário começava a pôr em descrédito. Que são, porém, as suas histórias?

Dramática, dum dramatismo quase pícaro, é essa venda do pobre cego doente das cruzes, ao cidadão amigo do companheiro de peregrinação pelos povoados, tocando e cantando coplas de nefandos crimes. A caminhada para a cidade, a pressa febril dos dois desgraçados, um porque lhe tarda o dinheiro da transacção, outro porque quer saber o que se passa e para mais apetece-lhe um copázio de vinho; a negociata em regra e o final, depois da transferência feita, em que o cego sofre o drama da sua condição de pessoa à mercê de qualquer — mesmo dum companheiro antigo, — e o novo proprietário acorre pressuroso a ampará-lo receoso que a «mercadoria» sossobre e não vá o negócio sair-lhe furado; tudo isso é duma emoção tanto mais forte quanto o autor a vai doseando perante a perplexidade do leitor, aliás conscientemente provocada.

Menos emotivo, mas mais vivo e tão real como «Caminheiros», é «Carta a Garcia». Seguem num combóio três «corrossos» que vão ser conduzidos ao Forte. Três indivíduos diferentes. Dois-Sessenta-e-Três, violento e verboso, sarcástico e revoltado, embora um tanto falabarro. Zabelinha, «corrosso de arrancar botões», como Dois-sessenta-e-Três lhe chama, desleixado, infantil, duma infantildade quase feminina. Espanhol, o homem silencioso, no qual se pressente o indivíduo capaz de agir com êxito no momento oportuno. A história é simplesmente a descrição dum pedaço da viagem em que nada acontece mas tudo pode vir a acontecer. O medo que o cabo da escolta experimenta, as constantes e irritantes arremetidas de Dois-Sessenta-e-Três contra Zabelinha, e especialmente o silêncio de Espanhol, criam uma atmosfera enervante, prenhe de latentes explosões. O final do conto é de facto uma autêntica carta a Garcia, quer para as personagens, quer para o leitor:

«Espanhol passava lentamente os dedos pela folha curva, pela lisura do cabo da navalha.

— «Navalha sevilhana... ia dizendo baixinho.

«Como uma criança acaricia uma boneca quebrada, assim fazia ele à navalha aberta na palma da mão.»

São estes dois contos os que sobretudo nos fazem acreditar no talento de Cardoso Pires para a literatura de ficção. São contos «feitos», embora dum estreante, e por eles é lícito esperarmos maiores cometimentos. Em «Estrada 43» só a última parte verdadeiramente inte-

(Continua na página 62)



# LIVROS

*(Continuação da página 59)*

ressa. Perante ela, as anteriores não contam. Toda a acção válida e susceptível de impressionar está aí condensada. O resto é paisagem que, se não enfada ler, me parece desnecessária ao relato do acidente, na verdade arrepiante. Os outros contos, não sendo inferiores, padecem do confronto com os dois primeiros. «Amanhã, se Deus quiser» é uma história parecida com muitas outras, sem relevo especial, além de pouco convincente em certas passagens. Em «Salão de Vintém» há alguns bons apontamentos, mas sacrifica aqui e ali à demagogia muito em voga nos últimos anos. «A semente cresce oculta» é o que se pode chamar um «bonito» conto, mas sem grande significado.

Aos méritos deste jovem autor acresce o facto de escrever um bom português, claro e harmonioso. Felizmente que Cardoso Pires não deu ouvidos à peregrina teoria de que para haver renovação temática é preciso escrever mal. Dele podemos dizer que começou com o pé direito.

ARMANDO VENTURA FERREIRA